

Educar para a Desigualdade: Uma análise do documentário *Requiem for The American Dream* e as relações com a realidade brasileira

Paulo Antonio Pasqual Júnior¹

Resumo

O presente estudo constitui-se de uma análise do documentário *Requiem for The American Dream*, lançado em 2016, nos Estados Unidos, em que o filósofo e linguista Noam Chomsky apresenta os “Dez princípios da concentração da riqueza e do poder” no cenário americano. A partir desses princípios buscamos analisar as consonâncias com a realidade brasileira e, desse modo, percebemos que há uma série de paralelos entre a origem das desigualdades nos EUA e o contexto brasileiro, por outro lado, o país tem apresentado melhora em alguns aspectos, como o acesso à educação e a redução da extrema pobreza.

Palavras-chave: Desigualdades; Brasil; Sonho Americano.

Abstract

This study is an analysis of the documentary “Requiem for The American Dream”, released in 2016, in the United States, where philosopher and linguist Noam Chomsky presents the “Ten Principles of Concentration of Wealth and Power” on the American scenario. From these principles we seek to analyze the consonances with the Brazilian reality and, thus, we realize that there are a series of parallels between the origin of inequalities in the US and the Brazilian context, on the other hand, the country has shown improvement in some aspects, such as access to education and the reduction of extreme poverty.

Keywords: Inequalities; Brazil; American dream.

Introdução

Em janeiro de 2016, foi lançado nos Estados Unidos o documentário *Requiem for The American Dream*, em que o protagonista Noam Chomsky apresenta os aspectos políticos e econômicos que estão contribuindo para a inexistência de mobilidade social nos EUA, o “Sonho Americano”. De acordo com o protagonista, o “Sonho Americano” consistia basicamente em estudar,

¹ Mestre em Educação (UCS). E-mail: papiunior@ucs.br

ter um bom emprego, comprar uma boa casa, um bom carro, ter filhos, conseguir promoções e melhores propostas de trabalho que garantissem a mobilidade social. Entretanto, uma série de fatores políticos e econômicos vem inviabilizando esse sonho. O documentário apresenta dez aspectos fundamentais para a perpetuação da desigualdade, são eles: 1. “Reduzir a Democracia”; 2. “Moldar a ideologia”; 3. “Redesenhar a economia”; 4. “Deslocar o fardo de sustentar a sociedade para os pobres e a classe média”; 5. “Atacar a solidariedade”; 6. “Controlar os reguladores”; 7. “Controlar as eleições”; 8. “Manter a ralé na linha”; 9. “Fabricar consensos e criar consumidores”; 10. “Marginalizar a população”.

Assim, o presente estudo busca analisar os aspectos apontados pelo documentário e relacioná-los com o Brasil. Será possível falar em um Sonho Brasileiro? Quais os aspectos fundamentais para a permanência da desigualdade no Brasil? De acordo com *Requiem for the American Dream* (2016), o mundo enfrenta um problema crônico de desigualdade que não é apenas privilégio dos estados EUA. Nesse sentido, consideramos os aspectos que estão em consonância com documentário e buscamos paralelos, interseções e diferenças em relação à realidade brasileira, por meio do estabelecimento de relações entre as produções teóricas sobre desigualdade em relação ao proposto por Chomsky (REQUIEM... 2016).

Um panorama da desigualdade

“A desigualdade é realmente sem precedentes”

A frase acima, mencionada por Noam Chomsky (REQUIEM... 2016) no início do documentário, apresenta o contexto em que o mundo se encontra. Uma realidade nunca antes vista, não apenas da existência da pobreza, mas sim de extrema riqueza em um contraste paradoxal entre pobres e “super ricos”. Chomsky (REQUIEM... 2016) argumenta que a pobreza vem da extrema riqueza, pois é a partir dela que as desigualdades se perpetuam. De acordo

com o relatório da OXFAM² (2016), “A crise da desigualdade global está chegando a novos extremos. O 1% mais rico da população mundial detém mais riquezas atualmente do que todo o resto do mundo junto”. Em relação a esse panorama de desigualdades, Piketty (2014) argumenta que as desigualdades devem se intensificar a um número nunca antes visto. Mesmo que a acumulação tenha uma perspectiva finita, nesse período, a desigualdade estará em níveis catastróficos. Piketty (2014) também ressalta que os salários dos altos funcionários das empresas multinacionais aumentaram exponencialmente enquanto os salários dos trabalhadores permanecem estáticos. Esta disparidade tem alimentado uma crescente desigualdade. De acordo com a OXFAM (2016), a riqueza dos mais pobres caiu em um trilhão de dólares nos últimos anos, enquanto a extrema riqueza tem aumentado drasticamente. De acordo com Chomsky (REQUIEM... 2016), no cenário americano, apenas 10% da população é rica, uma realidade otimista, se comparada aos dados mundiais, já que apenas 1% da população mundial pode ser considerada rica.

Esse panorama, que mantém o *status quo*, tem criado barreiras para a mobilidade social que se torna muito mais difícil. À medida que o nível de pobreza aumenta, a dificuldade de mobilidade também aumenta, “no entanto se a desigualdade não tivesse aumentado no mesmo período, outros 200 milhões de pessoas teriam saído da pobreza” (OXFAM, 2016, p. 2) Uma questão, nesse sentido, foi apontada por Piketty (2014), pois a irradiação da miséria e da pobreza acarretariam em um colapso global de recursos. O planeta não suportaria um consumo extremo de recursos, então a irradiação da pobreza é, no mínimo, uma tentativa inviável enquanto o consumo de recursos for descontrolado.

Todo o sonho de mobilidade e redução das desigualdades entrou em colapso. Segundo Chomsky (REQUIEM... 2016), a democracia coloca o poder na mão do povo e tira dele, uma pseudodemocracia permite ao povo escolher, de certo modo, seu governo, mas na realidade, são as grandes empresas e os

² Organização internacional, que atua em diversos países e tem como objetivo combater a pobreza, as desigualdades e as injustiças em todo o mundo

financiadores de campanha que realmente elegem um candidato. Assim, é por meio de um marketing de campanha movido por bilhões de dólares que entidades privadas subsidiam candidaturas. Para Chomsky (REQUIEM... 2016), as eleições fazem partidos políticos receberem grandes quantidades de dinheiro de empresas privadas. Após as eleições, os políticos revertem o investimento privado em políticas públicas que beneficiem as corporações e não o povo. “É um círculo vicioso”, argumenta Chomsky.

Este círculo vicioso de manutenção de desigualdades foi descrito por Adam Smith (1999) em a *Riqueza das nações*. Segundo ele, os comerciantes e os donos de indústria no período da Revolução Industrial criavam o círculo vicioso de eleições e políticas públicas voltadas para uma minoria mais rica.

Nos últimos anos, o eixo de superlucros deslocou-se da indústria e se constituiu em torno do mercado de capitais que hoje é responsável por uma porção muito mais considerável da geração de capital do que na primeira metade do século XX. De acordo com o documentário (REQUIEM... 2016), a participação do mercado de capitais que era antes dos anos 1950 menos de 11% em relação a 28% da produção, em 2011, representava 21% e a indústria apenas 11%.

Nesse sentido, a OXFAM (2014) argumenta que a geração de capitais é um grande promotor de desigualdades, uma vez que capital não é o mesmo que riqueza. Nesse âmbito, entendemos por riqueza os recursos tributados a uma nação que promovem investimento em políticas públicas e, conseqüentemente, aumento da qualidade de vida. Os mercados de capitais não geram exatamente postos de trabalho, pois a partir deles são geradas fortunas por meio da especulação, não sendo necessário o investimento em indústrias e na geração de emprego e renda. Diante do abismo mundial entre ricos e pobres que se aprofunda, analisaremos, a seguir, os princípios elencados por Chomsky (REQUIEM... 2016) referentes à concentração da riqueza nos EUA e, em paralelo, discutiremos esses aspectos no âmbito da realidade Brasileira.

Os dez princípios da concentração de riqueza e poder

Diante do panorama crescente da desigualdade, o documentário *Requiem for The American Dream* traz, através dos depoimentos de Noam Chomsky, uma série de dez princípios principais da concentração da riqueza e do poder nos Estados Unidos da América. Aspectos que perpetuam e intensificam a desigualdade e impedem a existência concreta de um “Sonho Americano”. São eles:

Reduzir a democracia

Pelo menos aparentemente, os EUA é um modelo ideal de república. Tendo conquistado sua independência em 1776 e ingressado em um modelo republicano democrático, a história dos Estados Unidos da América encanta os idealistas de um modelo igualitário. Um país pioneiro em sua independência e de ideais Iluministas que não vivenciou governos totalitários, como a maior parte da América, inspira confiança no que diz respeito à mobilidade social. Não é o que diz Chomsky (REQUIEM... 2016), segundo ele, a democracia Americana foi fundada por uma elite que tinha como objetivo manter a riqueza e o poder nas mãos apenas dos ricos. Assim, desde a fundação do Estado Americano, houve uma tentativa de redução da democracia, restringindo o acesso ao voto apenas a uma elite seleta. De acordo com o autor, se os pobres tivessem acesso ao poder, eles poderiam tirar todas as propriedades dos mais ricos. Com isso, a prudência no acesso à democracia se fazia necessária para a manutenção e proteção das camadas mais ricas da sociedade americana do século XVIII.

Logo, para Chomsky (REQUIEM... 2016), a estrutura formal do sistema colou nas mãos do senado a maior parte da democracia. Na época, ele era composto apenas por pessoas ricas que garantiriam a vontade da elite. Hoje, não parece ser diferente, uma vez que boa parte dos políticos é financiada pelas elites e tem a necessidade de legislar a favor de seus financiadores.

Se analisarmos a nossa história, na época da independência americana, o Brasil não era um estado nacional, ainda era uma colônia portuguesa.

Conquistou a independência apenas em 1822 e a república tardiamente em 1889. A desigualdade no Brasil parece inerente à sua história, embora a pobreza tenha se constituído desde a origem do Brasil. Cabe salientar o processo de transição entre o final do império e a libertação dos escravos em 1888 e a proclamação da república nos após 1889.

Podemos aqui traçar algumas semelhanças: assim como nos EUA, o Brasil teve seu movimento de proclamação da República alicerçado por uma elite seleta de intelectuais e militares descontentes com os caminhos da política imperial Brasileira. Assim, a concepção de República há bem pouco tempo se alicerçou na permanência de privilégios e na perpetuação das desigualdades.

A república de 1989 nasce, na visão de Faoro (2001), como uma revolução passiva, que não tinha como princípio a mudança social. O Brasil da primeira república surge em um cenário de latifúndios, escravos libertos marginalizados e de desigualdades extremas, traços que se perpetuam de alguma maneira significativa ainda em nossa sociedade. Um indicativo das raízes históricas das desigualdades é a condição do negro e da mulher brasileira ainda distinta do homem branco, tema abordado por Ferraro (2004) que afirma que, no Brasil, a desigualdade social ainda possui cor e gênero.

Moldar a ideologia

Uma fundamental estratégia na manutenção das desigualdades se dá, de acordo com Chomsky (REQUIEM... 2016), no molde das ideologias do povo. As mídias de massa que emergiram na segunda metade do século XX e se consolidaram no século XXI contribuíram para incutir nos americanos uma ideia de consumo excessivo que os privou, muitas vezes, de pensar na política e em outras questões sociais. Essas estratégias garantem a manutenção do poder nas mãos de poucos políticos e “super ricos”.

Esse aspecto parece se aplicar em muito ao Brasil: em primeiro lugar, pela mídia de massa que também se torna um veículo de manutenção de desigualdades; em segundo, pela crescente tendência, não só americana, de consumo descontrolado. As pessoas parecem estar mais preocupadas com o

seu dinheiro para comprar bens de consumo do que em olhar a questão política. Trata-se do aumento da individualidade, alimentado pelos mecanismos que tornam boa parte dos cidadãos desconectados do mundo político e sem possibilidades de influência política.

Redesenhar a economia

Para Chomsky (REQUIEM... 2016), há um movimento gradativo de mudanças da economia, modificando o papel das instituições financeiras e tornando-as protagonistas no cenário econômico. Paulatinamente, a participação da produção das indústrias e do comércio vem tendo seus papéis reduzidos, enquanto o mercado de capitais tem se consolidado. Chomsky (REQUIEM... 2016) explica que, em 2007, essas empresas já eram responsáveis por 40% dos lucros das empresas. Segundo o apresentador, antes dos anos 1950, as instituições financeiras tinham o papel de fornecer crédito para mover a economia, financiando novas empresas, comércios e serviços. Hoje, entretanto, o papel dessas instituições se configurou na geração exclusiva de lucro. São empresas que geram capital por si mesmas sem a necessidade de um investimento gerador de emprego e renda. Conforme já mencionado, o papel dessas instituições dobrou nos últimos anos e tende a se intensificar à medida que elas têm ganhado espaços mundialmente.

Chomsky chamou esse movimento de “Financeirização da Economia”. Nesse palco, ainda há outros atores: A crise tem papel fundamental no aumento das desigualdades. A partir dela, cria-se uma cultura de instabilidade que implica o conformismo do trabalhador e a competição entre os trabalhadores, que não lutam por melhores salários e, pior ainda, se submetem a realizar trabalhos por valores inferiores aos praticados. De acordo com o protagonista do documentário, esse cenário de competição não é o mesmo para os altos executivos das corporações, a crise parece não afetá-los. (REQUIEM... 2016).

Nesse aspecto, cabe salientar as interseções com a realidade atual brasileira. O discurso de crise tem aumentando a competição, reduzindo os

salários e promovendo a desigualdade. Por enquanto, ainda é cedo para se obter dados, mas, provavelmente, no futuro poderemos comparar os retrocessos no campo da distribuição de renda e riquezas. A partir da realidade de outras crises, podemos indutivamente argumentar que, em geral, a crise aumenta as desigualdades. Assim, a crise mundial que se iniciou nos anos 2008, provavelmente, implicará o aumento das desigualdades.

Deslocar o fardo de sustentar a sociedade para os pobres e classe média

Nas palavras de Chomsky (REQUIEM... 2016), deslocar o fardo de sustentar a sociedade significa passar para a classe média e a pobre a responsabilidade pela maior parte da parcela fiscal. Assim, há uma estagnação, um determinado *status quo* possibilitado pela carga tributária que impede a mobilidade social. Em geral, são os mais ricos que pagam menos impostos, e a grande carga tributária fica sob responsabilidade da classe média. Um exemplo, de acordo com apresentador, foi o crescimento americano nos anos 1950 e 1960, a “Era Dourada”. Nesse período, talvez o sonho americano estivesse mais próximo de tornar-se realidade. Contudo, atualmente, os impostos para os mais ricos foram reestruturados e, desse modo, eles passaram a pagar menos impostos, enquanto a parcela mais pobre da população está contribuindo cada vez mais.

De acordo com a Oxfam (2014), uma das medidas urgentes a serem tomadas como alternativas para frear o crescimento das desigualdades é o imposto proporcional. Ou seja, a criação de sistemas de tributação que contemplem maiores taxas para os mais ricos e menores para os mais pobres. Em âmbito de Brasil, cabe ressaltar o caloroso debate político levantado diversas vezes por lideranças de esquerda a respeito da necessidade de um imposto para as grandes fortunas. Embora essa seja, de acordo com a Oxfam (2014), uma das medidas fundamentais para a redução das desigualdades, não apenas no Brasil, mas mundialmente, esse é um tipo de política de difícil implementação. Conforme já discutido anteriormente, esse aspecto não parece ser do interesse político nacional, em virtude da necessidade de

“diminuir a democracia”, os sócios das empresas financiadoras das campanhas são, muitas vezes, o 1% mais ricos. Faria sentido criar um imposto para quem alavancou uma campanha? Temos aqui mais um exemplo prático do círculo vicioso denunciado por Smith (1999) em a *Riqueza das nações*.

Atacar a solidariedade

“Eu não tenho filhos na escola. Para que pagar impostos? Privatize!”

Para Chomsky (REQUIEM... 2016), “atacar a solidariedade” é fundamental para a manutenção das desigualdades. Enquanto as pessoas estiverem preocupadas consigo mesmas, não haverá tempo para pensar nos outros. A frase mencionada acima representa a ideia neoliberalista de privatização. Se cada vez mais as pessoas pensarem apenas em si mesmas, o sistema fica reforçado por ideologias que justificam, por exemplo, a privatização. A Oxfam (2014) aponta que a privatização acarreta desigualdade, pois um sistema antes oferecido pelo estado é vendido a uma companhia, que pode gerir e alterar preços arbitrariamente, prejudicando diretamente a população. Por outro lado, é um negócio muito vantajoso para corporações milionárias que compram e prospectam lucros gigantescos. Uma outra questão também abordada no documentário diz respeito à previdência, quanto mais pessoas pensarem que a previdência não é necessária, pois dispõem de outros recursos, menor será o seu significado no aspecto de política pública, ou seja, aos poucos ela irá diminuir. De acordo com o apresentador (REQUIEM... 2016), antes dos anos 1960, a maior parte da educação nos Estados Unidos era de responsabilidade do estado, hoje, por outro lado, essa realidade se transformou. Cada vez mais, a responsabilidade por pagamentos de cursos superiores são atributo do estudante, o que dificulta o acesso à educação para pessoas com baixa renda.

No Brasil, em especial nos últimos anos, o acesso à educação tem aumentado significativamente. Houve um aumento gradativo das universidades federais e programas sociais como o ProUni, que garantiram o acesso ao

ensino superior de milhões de estudantes de baixa renda. Além disso, o Pronatec e o Ciência sem fronteiras possibilitaram, respectivamente, o acesso ao ensino técnico, fomentando a produção de mão de obra qualificada e a possibilidade de estudo no exterior. Essas iniciativas vêm reduzindo o cenário de desigualdades no âmbito da educação, assim temos um contraponto entre a realidade americana mencionada. Por outro lado, há um discurso da extrema direita brasileira que vem ganhando forças no congresso. A privatização de instituições públicas de ensino superior e a redução dos programas sociais de acesso à educação parecem ser iminentes. Um indício, de acordo com o site de notícias G1 (2015), é a aprovação do texto que possibilita a cobrança de taxas para alunos de pós-graduação em universidades federais. Ao que nos parece, há um caminhar global para a privatização, que nas palavras de Chomsky (REQUIEM... 2016) é a materialização da individualidade.

A tabela abaixo mostra a evolução de matrículas no ensino superior no período de 2001 a 2010 de acordo com o Censo de 2010.

Tabela 1

Ano	Total de Matrículas
2001	3.036.113
2002	3.520.627
2003	3.936.933
2004	4.223.344
2005	4.567.798
2006	4.883.852
2007	5.250.147
2008	5.808.017
2009	5.954.021
2010	6.379.299

Fonte: INEP. Censo da Educação Superior 2010.

Como se pode perceber a partir da análise da tabela 1, há uma melhora considerável no número de matrículas em cursos superiores no Brasil, um aumento de mais de 100% se compararmos aos dados de 2001 e 2010. Além disso, de acordo com o Censo da Educação Superior de 2014, “O total de

alunos na educação superior brasileira chegou a 7,3 milhões em 2013” (INEP, 2014).

Esse crescimento está diretamente ligado às políticas públicas como o ProUni que possibilitaram um acesso à educação superior nunca visto anteriormente.

Controlar reguladores

Controlar reguladores, nas palavras de Chomsky (REQUIEM... 2016), significa que as empresas, que deveriam ser reguladas pelas leis e pelas políticas de regulação, são, contudo, as mesmas que impõem os seus regulamentos. “As empresas, não gostam de altas taxas nem das regulamentações” (Chomsky, 2016, tradução nossa). Assim, as políticas são voltadas ao benefício das empresas e não para o consumidor. Um bom exemplo é a ajuda que o governo americano oferece a empresas em crise, financiamentos e outros benefícios que a sociedade em geral não obtém. É uma contradição, pois pessoas físicas que precisam de empréstimos precisam pagar altos juros, enquanto as empresas adquirem empréstimos milionários a baixas taxas diretamente do governo. No Brasil, do mesmo modo, as grandes empresas possuem grande influência nesses reguladores. Um exemplo foi a recente polêmica da limitação de dados da internet fixa, em que inesperadamente a ANATEL permitiu às operadoras alterar a maneira pela qual forneciam seus serviços de internet, acarretando sérias perdas e, contraditoriamente, afetando políticas como o Marco Civil da Internet.

Controlar as eleições

Para Chomsky (REQUIEM... 2016), “A concentração de riqueza gera concentração de poder político” (tradução nossa). Assim, retomamos aqui o que já discutimos brevemente na introdução deste artigo: o círculo vicioso proposto por Smith (1999) em que a riqueza trabalha a favor dos ricos, gerando mais riquezas para uma seleta parte da sociedade.

O apresentador ainda afirma que a política entre os ricos é, pois, uma troca de favores. Financiamentos eleitorais geram políticos eleitos, e políticos eleitos geram políticas públicas a favor dos ricos e das grandes corporações. Para ele, um exemplo são as indicações para os juízes da suprema corte que são indicados por políticos eleitos por meio de grandes financiamentos, em geral, financiados pelas corporações. Assim, uma troca de favores entre uma parcela muito pequena da população garante um controle das eleições. Segundo Chomsky (REQUIEM... 2016), as eleições são baseadas em grandes campanhas publicitárias e não em méritos. Com isso, qualquer pessoa com um orçamento bilionário pode se tornar um político eleito, mediante o apoio de grandes corporações.

No Brasil, no que diz respeito à redução das desigualdades, Arretche (2015) cita duas vertentes das Ciências Sociais em que a democracia poderia, em tese, por si só romper com as desigualdades sociais. A primeira, proposta por Dahl e Marshall (1967), em que afirmavam que a própria democracia levaria à redução da desigualdade, uma vez que os eleitores, ao escolherem seus representantes, garantiriam a luta por seus direitos. A segunda, proposta por Draibe (1994) e Santos (1979), afirmava que o Brasil estava longe dessa realidade em virtude dos regimes autoritários que expandiram direitos sociais e tinham a orientação de promover desigualdades.

Aqui, podemos traçar um contraponto entre a ideia de democracia e a apresentada pelo documentário: Como podemos esperar que a democracia, naturalmente, reduza as desigualdades, se as eleições, a maior instituição da democracia, estão, nas palavras do autor, contaminadas por interesses privados?

Arreche (2015) afirma que, através da acumulação de conhecimentos empíricos no campo das Ciências Sociais, pode-se perceber que a democracia por si só não reduz a desigualdade. Assim, percebemos uma evidência, que poderá ser aprofundada em um próximo trabalho. Quais as relações entre a natural redução das desigualdades pela democracia e a manipulação financeira das eleições?

No Brasil, há um movimento de uma minoria política lutando pela redução dos financiamentos políticos de campanha. O artigo 79 da lei nº 9.504 de 30 de setembro de 1997 prevê: “O financiamento das campanhas eleitorais com recursos públicos será disciplinado em lei específica”.

Arretche (2015) afirma que, apesar de tudo, o Brasil apresentou significativos avanços sociais após a redemocratização do país, por meio de políticas públicas que privilegiaram, por exemplo, o acesso ao ensino fundamental, energia elétrica, coleta de lixo e progressiva política de aumento de renda por meio da ampliação do salário mínimo.

Manter a ralé na linha

A política americana sempre se mostrou contrária aos sindicatos, pois eles incentivam a subversão da classe trabalhadora (CHOMSKY, 2016). Atualmente, de acordo com o autor, menos de 7% da população dispõe de sindicatos, isso é sobretudo um indicador de como a sociedade percebe a luta por direitos. No Brasil, por outro lado, os sindicatos têm representado a luta por melhores salários, jornada e melhores condições de trabalho, além disso, uma parcela muito significativa da população é sindicalizada, em especial o setor de metalurgia que possui fortes representações políticas, embora, recentemente, a reforma trabalhista tenha tentado atingir a autonomia de sindicatos e minimizar a importância dos mesmos no cenário trabalhista.

Fabricar consensos e criar consumidores

“Fabricar consumidores foi uma forma de controlar as pessoas. A TV e a internet apresentam a você o que você precisa” (Chomsky, 2016, tradução nossa). A televisão, desde o seu surgimento, tem sido uma grande ferramenta de fomento ao consumo. Um cidadão americano trabalha, chega em casa e assiste televisão; a televisão programa o seu consumo, ele trabalha mais para conseguir dinheiro, compra um novo produto e se mantém em um ciclo vicioso de trabalhar, assistir TV e consumir (The Story of Stuff, 2007).

Essa é a programação que fabrica consumidores que se preocupam mais em consumir do que em participar criticamente da sociedade. No Brasil, o consumo tem crescido em níveis elevados, então também podemos pensar nessa programação segundo o modelo americano. Para Chomsky (REQUIEM... 2016), os políticos desejam criar um eleitorado desinformado e disperso que farão escolhas irracionais nas eleições. Se eles estiverem mais preocupados com o consumo, não perceberão as influências das grandes corporações na política.

Marginalizar a população

Mais de 70% da população americana não tem como influenciar a política, esse é um cenário que favorece a desigualdade. A ideia da democracia não seria ao contrário? A maior parte da população deveria influenciar nas eleições e eleger políticos que defendessem os seus interesses. Entretanto, a realidade não parece ser esta. O apresentador argumenta que há uma cultura crescente de “Tudo para mim, nada para os outros” (REQUIEM... 2016, tradução nossa), que representa paradoxalmente um progresso econômico e um retroceder do campo das desigualdades.

Considerações finais

A análise de produções cinematográficas deve ser feita com olhar crítico. A maneira dramática e o sensacionalismo podem descortinar uma realidade distinta da verdade aos olhos pouco atentos. Contudo, o documentário *Requiem for the American Dream* corresponde à necessidade, enquanto produto cinematográfico jornalístico, de levar ao mundo uma reflexão sobre o crescimento das desigualdades através de uma sistemática apresentação dos “Dez princípios da concentração de riqueza e poder”. Essa apresentação, permite levantar questões, não apenas relacionadas à realidade americana, mas como indícios a serem analisados em nível mundial. Conforme podemos perceber, as desigualdades têm aumentado significativamente com o passar

dos anos, em especial após a segunda metade do século XX, por inúmeros motivos, dentre eles, o aumento das empresas de capitais e o apelo sistemático do capitalismo às mídias que fomentam o consumo.

A análise da realidade brasileira permite perceber que as desigualdades são inerentes à sua história. Desde a formação da república, as desigualdades têm sido mantidas, não havendo, pois, mecanismos que garantam a ascensão social das classes menos privilegiadas, pelo menos não até os últimos anos da nossa história. Será, então, possível falar um sonho brasileiro? O Brasil ainda possui 20 milhões de pessoas na extrema pobreza. O sonho de boa parte dos brasileiros pode ser apenas ter o suficiente para viver. Contudo, nos últimos anos, muitos pobres, através de programas sociais, puderam ascender à classe média, tendo condições mais dignas de trabalho, estudo e moradia. Boa parte da população que antes não possuía acesso à educação, especificamente em nível superior, teve a oportunidade de cursar gratuitamente um curso de graduação em uma instituição federal ou privada através de programas como o PROUNI. As últimas políticas públicas deram à população uma esperança de mobilidade social, de acesso aos direitos básicos, mas também a produtos de melhor qualidade, eletrodomésticos, eletrônicos e viagens de avião – o que antes era uma realidade muito aquém da maior parte da população Brasileira. Assim, podemos dizer que, sobretudo nos últimos anos, podemos falar em um “Sonho Brasileiro”, em especial aos que ascenderam à classe média, com melhores condições de educação e emprego. Por outro lado, o sistema tributário, os financiamentos de campanhas e a inexistência de um imposto para as grandes fortunas têm sido fundamentais para a manutenção das desigualdades. O governo tem produzido políticas que beneficiam os pobres, mas não atacou questões fundamentais para a real redução das desigualdades.

Nesse sentido, podemos falar que, mesmo não havendo as políticas necessárias de redução de impostos para os mais pobres e a redução da influência dos super ricos nas campanhas, nos últimos anos, houve progressos sociais. Podemos falar ainda em um “Sonho Brasileiro” que, na verdade, é bastante modesto, se comparado à realidade americana. Contudo, a

instabilidade, a crise econômica e a política poderão trazer à tona uma realidade brevemente esquecida pelos brasileiros, e talvez em pouco tempo, possamos falar no esquecimento do sonho dos brasileiros.

Referências

ARRETCHE, M. *Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos 50 anos*. São Paulo: Unesp, 2015.

RASIL. Lei Nº 9.504, d3 30 de setembro de 1997.

BRASIL. Lei Nº 9.504, d3 30 de setembro de 1997.

EDUCAÇÃO. G1, 2015. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/10/camara-aprova-pos-graduacao-paga-em-universidade-publica.html>>. Acesso em: 11 Julho 2016.

FAORO, R. *Os donos do poder. A formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Globo, 2001.

FERRARO, A. R. K. Analfabetismo no Brasil, configurações e gênese das desigualdades regionais. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 22 jul/dez 2004. 179-200.

INEP, A. D. C. D. Matrículas no ensino superior crescem 3,8%. *INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira*, 2014. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/6AhJ/content/matriculas-no-ensino-superior-crescem-3-8>. Acesso em: 07 Julho 2016.

PIKETTY, T. *O capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

REQUIEM for the American Dream. Direção: Peter D. Hutchison; Kelly Nyks e Jared P. Scott. Produção: Peter D. Hutchison; Kelly Nyks e Jared P. Scott. [S.l.]: [s.n.]. 2016.

SMITH, A. *Inquérito sobre a natureza e causas da riqueza das nações*. 3ª. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

THE Story of Stuff. Direção: Louis Fox. Produção: Erica Priggen. Intérpretes: Annie Leonard. [S.l.]: [s.n.]. 2007.